Desafio Escrever um Conto Abril de 2010

www.portugalparanormal.com

Invasão Extra-Terrestre (Conto Vencedor)

por Templa

Era o início do dia 1 de Abril de 2010. Jonh Silva apresentava na televisão o último noticiário da

noite, desde New Bedford, uma cidade piscatória algo decadente depois de o bacalhau da Terra Nova, que

a fizera prosperar durante mais de um século, ter sido dizimado por uma pesca sem controlo.
A Nasa lançara mais um Vaivém Espacial ultra sofisticado, com a missão especial de detectar vida na

galáxia e tendo ainda como mira o novo planeta Superter recentemente descoberto, sobre o qual havia

boas razões para pensar que poderia ser habitado.

Assunto do dia anterior tinha sido também a descoberta no Louvre, em Paris, escondido na pirâmide, de

um estranho indivíduo transparente como cristal, com forma órgãos internos idênticos aos humanos, mas

com a particularidade de não possuir quaisquer orifícios no corpo. A não ser uns grandes olhos

semelhantes aos dos homens. As notícias eram ainda escassas, depois de o governo francês ter decretado

sigilo absoluto, enquanto os cientistas procuravam determinar a origem da criatura e uma maneira de

comunicar com ela. Já se especulava que era através da pele, onde não havia um único pêlo, que o

“homenzinho” se fazia entender. Alguns cientistas, pelas características do espécime, com a total a

ausência de orifícios, à excepção dos olhos, diziam que seriam um homem do futuro e que aquela forma

se deveria ao facto de a Terra se ter tornado num planeta onde quase já era impossível respirar, comer

e até procriar. Tudo graças aos hábitos civilizacionais do homem, que a tinham colocado na rota da

destruição. O exemplo era o bacalhau da Terra Nova, e Jonh, após o longo noticiário em que falara

também de um massacre numa escola do Kansas, feito por um miúdo de treze anos, saldando-se tudo na

morte de seis adolescentes a tiros de metralhadora, preparava-se para acabar. Fazia o remate final no

noticiário, ao referir uma outra cidade, desta vez portuguesa, na região de Aveiro, de onde a sua

família era originária e que, depois de ter sofrido os mesmos males de New Beresford, no

Massachusetts, se virara para o turismo. Após os velhos pesqueiros terem morrido na doca marítima,

mais parecida com um cemitério fantasmagórico, Aveiro, com os seus barcos moliceiros coloridos

recuperados, aproveitando as potencialidades da bela ria que a tornava semelhante a Veneza, virara-se

para o turismo e esquecera o moliço do fundo da ria, apanhado outrora para fertilizar os campos. Seria

então o fecho da emissão e logo Jonh iria para casa, após percorrer o espaço de alguns quilómetros

entre o estúdio e a sua residência, em Fairhavens. Fora mais ou menos proibido de falar muito no

“homem” do Louvre, segundo o seu director de informação, para não preocupar os americanos, incapazes

de distinguir uma mentira de 1 de Abril de um tema sério, dos muitos relatados no último telejornal da

noite. Além de que mediava, entre a Europa e os Estados Unidos, a diferença horária de alguns fusos e

os compatriotas não se lembrariam disso para descodificar o engano desencadeado em Paris umas horas

mais cedo. Por outro lado, não fora a primeira vez que alguém se lembrara de lançar no ar algo tão

estapafúrdio como o homem de cristal. Tinha sido o caso de “ A Guerra dos Mundos”, relatada na rádio

em 1938 por Orson Wells que, inspirado na obra homónima de George Wells, quase levara a América ao

suicídio colectivo...

Era cerca da meia-noite e vinte quando o estúdio começou a tremer, os móveis e as secretárias

ameaçavam cair, arrastando os papéis por onde acabara de noticiar pela última vez os factos

importantes do dia, agora já véspera.
Jonh pensou tratar-se de um de um forte tremor de terra. Preparava-se para dar em primeira-mão a

notícia aos telespectadores quando o telemóvel de última geração vibrou, ainda a emissão estava no ar.

Era a mulher, Susan.
Com a atrapalhação, Jonh atendeu.
- Jonh!- gritou ela, transtornada - Onde estás? A cidade está invadida por criaturas estranhas e uma

está no nosso quintal pronto a entrar em casa! Vem depressa! Não sei o que fazer, os miúdos estão

radiantes à entrada e parecem estar a dar-se bem com a criatura!...
Atarantado, Jonh esperava toda e qualquer coisa menos aquilo, que a auto-estrada sobre o Rio Acushnet

tivesse ruído, que a casa estivesse a arder, toda e qualquer desgraça. Aquela não e foi em pânico que

perguntou, igualmente aos gritos:
- Mas eles estão a fazer o quê? Vai já buscá-los e mete-os dentro de casa, enquanto não chego. Como é

que é a tal criatura?
- Não sei! Parece de cristal e irradia luz por todo o lado! É transparente, mas eu ainda só o vi da

janela enquanto os miúdos se esgueiraram para o jardim e foram ter com ele, ou sei lá o quê!
- Mas tu disseste que a cidade tinha sido invadida, como é que pode ser isso? – Perguntou Jonh, entre

o incrédulo e o perplexo.
- Há por todo o lado uma luminosidade estranha que ofusca a iluminação! Parece uma trovoada de

relâmpagos estranhamente silenciosos.
- Mas não há ruídos nenhuns? Como é que foram alertados para isso?
- Inicialmente sim, parecia um tremor de terra! Mas anda depressa! Estás aí a fazer perguntas e eu

aqui numa angústia terrível! Não sei se voltarei a ver os nossos filhos! Podem ser raptados e tu com

essa calma toda!
- Está bem. Vou já para aí. Vai buscar os miúdos – ordenou.
Enquanto desligava, Jonh pensou se não seria a mulher a pregar-lhe

uma mentira de 1 de Abril. Mas,

francamente, a brincadeira era forte de mais. Só ficando doida lhe daria para inventar uma patranha

daquelas. Devia ser o fascínio dela pela mítica Atlântida, de onde, mais dia menos dia, como a mulher

acreditava, uma civilização de extraterrestres tomaria conta do planeta, como diziam as teorias que

ela lia avidamente e incutia na cabeça dos dois filhos gémeos, a Bethy e o Bob, desde a altura em que

lhes lia histórias para adormecerem.
Atabalhoadamente, desceu as escadas do 7º andar, onde estava instalado o estúdio. O elevador, não

sabia porquê, tinha avariado e não teve outro remédio senão galgar as escadas duas a duas. Iria ter

com Susan e depois iria rir-se com ela ou desancá-la-ia por lhe ter pregado semelhante susto. Já

estava arrependido de ter falado no “homem” do Louvre, a patranha francesa que devia ter despoletado

na cabeça dos engraçadinhos como a mulher a ideia de semelhante invenção. Os marcianos a invadirem a

terra. Era só o que lhe faltava!
Já dentro do Mustang de 1952 recuperado, azul e luzido, Jonh, ainda no parque automóvel, ouviu o

telemóvel tocar de novo. Desta vez era o Director de Informação, o velho sefardita espanhol Abraão

Rocas, que, com os pais, tinha fugido novo da Guerra Civil Espanhola.

À queima-roupa, o judeu perguntou-lhe onde estava e Jonh, apesar de tudo preocupado com os

acontecimentos, resolveu pregar-lhe uma pequena mentira. Tinha de ir ver o que estava a acontecer com

a família.
- Estou a estacionar à porta de casa...
- À porta de casa, Jonh?!... Se estivesses a chegar não estarias com essa calma toda! Regressa

depressa ao estúdio para uma emissão especial. Vê-se mesmo que não deste um único passo na rua!...
- Uma emissão especial Rocas?! Mas porquê. Sempre houve um temor de terra, como me pareceu?!...
- Um tremor de terra?!... Pior do que isso, pior do que uma guerra

atómica!... Fomos invadidos por

extraterrestres – respondeu o homem. O mundo está em pânico e receio que, desta vez, a América pouco

passa fazer para salvar a humanidade.
- Uma invasão de extraterrestres? Não posso crer! – exclamou Jonh, enquanto se lembrava da conversa

com Susan. Afinal não era nenhuma partida do dia das mentiras. Estava mesmo a acontecer, Susan e os

garotos corriam perigo.
- Não posso Rocas! Está um no meu jardim a fazer sabe-se lá o que aos meus filhos!...
- E onde pensas ir e como? No Mustang?!... Mal saísses, se te deparasses com um, o carro talvez

ficasse bloqueado e a ti acontecia-te o mesmo. Não sei durante quanto tempo mais ainda vai haver

energia e telefones. Tanto quando sei, das poucas informações recolhidas, as únicas a quem não

acontece nada são mesmo as crianças. Por isso, volta imediatamente para o estúdio e reúne os

repórteres. Coloca na rua todo o pessoal e equipamento. Não sei se resultará, mas a nossa obrigação é

informar os telespectadores.
O tom peremptório do director não admitia réplicas, e Jonh não teve outro remédio senão fazer o

percurso inverso e falar com o pessoal de serviço, dois câmara mans e dois repórteres. Informou-os do

que se passava, mandando-os de seguida para Fairhavens, a casa dele, onde tinha a certeza de encontrar

um desses homens transparentes igual ao do Louvre.
À colega Eva Lins, pivot e reportar do Canal NB, Jonh recomendou-lhe que o informasse especialmente

acerca da Bethy e do Bob. Se pudesse falar com Susan, devia tentar explicar-lhe como fora vítima do

dever e praticamente coagido pelo judeu a não regressar a casa. Saíram a custo. Com o medo estampado no rosto, os homens e a mulher tinham colocado mil e uma

objecções. A avaria possível do material, o congestionamento das estradas por naves redondas de

material desconhecido e impossíveis de neutralizar. Mas, o pior de tudo, seria um possível rapto,

seguido de ablação de órgãos ou colocação de implantes, como narravam as pessoas assumidamente vítimas

de manipulação extraterrestre. Sobretudo nos Estados Unidos.
Jonh julgava lícito todos os receios, mas não teve outro remédio senão enviar os repórteres para o

desconhecido, talvez até para a morte. E, à última hora, num gesto de solidariedade, resolveu entrar

na viatura com os colegas e sair do edifício. Quanto mais não fosse, para tomar um primeiro contacto

com a realidade, aquilatar-lhe a dimensão e o perigo. Talvez fosse a última experiência da sua vida...

A noite, aparentemente, estava serena. Olhando as ruas, havia como habitualmente carros estacionados

por todo o lado, embora se notasse a ausência de transeuntes. Não se ouvia um único ruído, nem mesmo

no Gingle, o pub perto da NB. Isso assustou-o. A calma parecia uma calma de morte. Se os humanos não

estivessem todos mortos, no mínimo estariam já neutralizados pelos invasores sem boca, como a criatura

do Louvre. Nem o pio de uma ave nocturna, o latido de um cão, o miar de um gato. Nada. Era um silêncio

arrepiante e macabro que os fazia sentir mais pequeninos do que grãos de areia manietados por um vento

siberiano e agreste.
Os cinco, assustados, olhavam para todo o lado, na esperança de verem milhares de naves, estacionadas

por lá, mas não se via nem uma. Se era um ataque do outro mundo, então não deviam pensar que os meios

bélicos utilizados fossem idênticos aos do Planeta Terra. Mas como detectar os mísseis ou fosse lá o

que fosse naquela calmaria toda?
Eve, nem mais nem menos assustado do que os companheiros, levantou os olhos para o céu, quase como

quem pede ajuda divina. Nesse instante, notou que havia milhares de pontos minúsculos a pairar por

cima dos prédios e das árvores. Brilhavam como pirilampos na noite, entrecruzando focos de luz num

gracioso efeito de fogo de artifício, tão silencioso quanto harmonioso.

Foi então que, por entre o medo e o fascínio, concluíram, a haver uma invasão, a guerra, a haver

guerra, parecia ir tornar-se numa guerra talvez fatal, mas, mesmo assim, bonita.
Não tinham andado um quilómetro, quando Jonh resolveu regressar a pé. Não lhes tinha acontecido nada e

tinham todos de cumprir a missão como lhes ordenara Rocas. Ele, por seu lado, esperava que tudo

continuasse assim, até os companheiros chegarem a Fairhavens. Era de onde, se nada houvesse em

contrário, decorreria a primeira transmissão directa, com uma emoção como ele jamais tinha

experimentado. Não só porque tudo era novo, mas principalmente pelo facto de os filhos estarem

envolvidos numa situação de consequências imprevisíveis. Não sabia por que tinham eles sido

escolhidos.

Mal chegou ao estúdio, a arfar como um gato depois de subir os lanços de escada até ao sétimo andar,

após ter preparado a emissão com a ajuda dos dois seguranças, ligou ao judeu, que lhe perguntou de

imediato:
- Onde é que andaste e por que desligaste o telemóvel? E a emissão não está já no ar porquê?
- E digo o quê Rocas?!...Estive lá fora durante um bocado e a única coisa de estranho que vi foram os

pirilampos no céu!...Nunca assisti a uma invasão de extraterrestres mas esta é, no mínimo, estranha!
- Vai ao fax. Já tens lá a informação tríada. Dizes que o exército dos Estados Unidos está a controlar

o processo, em colaboração com a NASA e com o FBI. Sobretudo, recomenda calma aos americanos. Diz

também que o Presidente Obama, dentro de uma hora aproximadamente, irá fazer uma comunicação ao mundo.

Presume-se que nas próximas duas ou três horas nada funcionará, nem na Terra, nem no espaço. Tudo

quanto seja invenção humana será neutralizado, tanto quanto dizem as televisões. Mas nada se sabe de

concreto. Em último caso, coloca imagens da CNN ou da Sky News. Qualquer coisa, liga-me. Se tudo

correr bem, estou aí dentro de meia hora.
Jonh sintonizou o canal da CNN e ficou embasbacado com as imagens. Atlanta estava literalmente

transformada num imenso fogo de artifício e, de onde em onde, quer no ar quer em terra, via-se uma ou

outra nave redonda, com luzes vermelhas a piscar, mas sem nada nem ninguém dentro. O repórter estava

no Sweetwter Park e viam-se por todo o lado centenas de mulheres grávidas, por cima delas os

minúsculos pontos luminosos que Jonh tinha visto em New Bedford. Não sabia o que pensar e o melhor era prestar atenção ao repórter, um homem dos seus 50 anos, e só

depois começar o seu próprio trabalho com a reportagem no seu jardim feita pelos colegas em

Fairhavens.
- Isto é algo sem precedentes na Terra – dizia o repórter - Muito embora desde sempre tenha havido

relatos sobre extraterrestres, raras foram as pessoas em todo o mundo a dar-lhe crédito. Mas, hoje, é

impossível negar a sua existência. E, pelo que podemos comprovar em todo o lado, sobretudo neste

parque, a invasão é uma realidade. Falei há pouco com uma criança e ela disse-me que, tanto ela como

todas as outras, em todo o mundo, já se encontram magnetizadas com a energia do Superter, o planeta

recentemente descoberto.
Enquanto dizia isto, o homem apontava para uma criança, que parecia ter sido eleita o porta-voz em

Atlanta de todas as outras crianças.
- Não sei se conseguem ver - dizia de novo o repórter - mas nota-se já uma ligeira transparência neste

menino, com quem falei há pouco mas que se recusa a falar em directo para as câmaras. Tem 9 anos e,

depois da magnetização, parece branco e diáfano. Tudo isso nos leva a pensar estarmos perante uma

guerra sim, mas uma guerra santa, de proporções gigantescas e de cujos efeitos não se tem ainda

verdadeira noção.

No estúdio, o pivot, reparando nas centenas de mulheres por todo o parque, perguntou ao colega.
- George, tens já, com certeza, uma ideia do que farão aí todas essas grávidas?!...
- Claro, Sam. O Tom, o garoto com quem falei, disse-me que todos os nascituros estão já magnetizados e

que serão os homens do futuro. Quando nascerem, trarão ainda características do homem actual, mas a

mente e o espírito serão completamente moldados pela Lei do Amor, tal como a conhecemos hoje. Essa

magnetização, por outro lado, estende-se também às mães e, a partir de hoje - repara que nós nem

sequer sabemos como será o amanhã...- essas mulheres serão o principal motor de transformação do

mundo...
Jonh, enquanto via as notícias e as comentava minimamente, lembrava-se de Susan e dos filhos.

Ocorriam-lhe uma data de perguntas que faria se estivesse na situação do tal George em Atlanta, quando

recebeu indicações de que Eve estaria em condições de entrar em directo.
- Jonh?!, estás a ouvir-me?
- Sim Eve. O que temos por aí em Fairhavens? - disse, algo ansioso.
- Em primeiro lugar, parabéns, a tua mulher está grávida, se é que ainda não o sabias!... E este teu

filho será um bebé do futuro. Desculpa dar-te a notícia em directo, mas ninguém sabe como será o dito

futuro. Por isso, não posso perder um segundo. Quanto ao das crianças, ele parece estar assegurado...
Jonh esqueceu-se de onde estava e soltou um ah! de espanto, ao mesmo tempo que dava um salto na

cadeira.
- O quê? A Susan grávida? Como é que sabes?
- Segundo me disse, quando tentava levar os garotos para dentro de casa, foi energizada pelo mesmo

extraterrestre que se encarregou dos teus filhos. Já falei com os dois e as novidades não são tão

aterradoras como inicialmente pensámos. Mas é melhor falares com a Bethy, que está com o superterreano

nº 22/22, o comandante máximo da invasão na zona de New Bedford.
Pelos vistos, pensou Jonh, os superterreanos, não tinham nomes. Pelo número da criatura, deviam

identificar-se todos como uma potência energética elevada a um certo exponente, como os terráqueos

faziam com a matemática. Mas deixava-o apreensivo a familiaridade da Susan e dos filhos, enquanto ele,

obrigado pelo judeu sefardita, permanecia longe dos acontecimentos, sujeito apenas às imagens das

câmaras e às perguntas que a Eve certamente não lhe ocorreria fazer, sem ter visto no entanto os

milhares de naves necessárias para invadirem o planeta. E foi, antes de mais, isso que perguntou a

Eve.
- E as naves, onde é que andam?
- Boa pergunta para um habitante da terra habituado a ver metralhadoras, bulldozers, mísseis e por aí

adiante. Segundo a

Bethy, a tua filha, a porta-voz dos invasores aqui na cidade, há-as por todo o lado, no chão e no ar.

Só que estão, como dizer, minimizadas, ou zipadas, não sei que termos utilizar. Apenas me ocorre

utilizar a linguagem que usamos no nosso contexto informático. Aqueles pirilampos que vimos logo à

saída do estúdio são naves. E os superterreanos andam por aí aos milhares, igualmente minimizados e

quase invisíveis. Eles têm a capacidade de compactar tudo, até as coisas ficarem reduzidas a vários

tamanhos, mas todos pequeníssimos, quase atómicos.
- Esta pergunta é difícil, dadas as circunstâncias Eve - retorquiu Jonh - mas diz-me, muito

rapidamente, como estão a Susan e os garotos? Daqui a pouco temos o Presidente dos Estados Unidos a

fazer uma comunicação. Já há relatos das televisões do mundo inteiro a falar da magnetização das

crianças e das grávidas. Também já vi como eles fazem isso. Tanto quanto sei, é pelo contacto da pele

e com os olhos. Na RTP, em Portugal, na região de Aveiro, de onde é originário o meu avô aqui de New

Bedford, mostraram isso com muita minúcia. Viu-se um superterreano a energizar uma menina com Síndrome

de Jacobsom e ela parece ter ficado muito melhor, com uma inteligência e desenvolvimento que até aí

não demonstrara.
- É verdade. Já ouvi várias opiniões acerca dos superterreanos e das suas capacidades de cura. O que

nos leva a pensar que poderão ser seres superiores. Gostava de poder entrevistar algum, mas é

impossível. Só através das crianças e das grávidas energizadas. Por outro lado, segundo a tua filha,

eles têm uma forte hierarquia.
- Bom, se a Susan e os miúdos estão bem, vou ver os faxes da redacção. Pode haver algo de novo - disse

Jonh, enquanto digeria tanta informação e ao mesmo tempo tão pouca.
Susan estava grávida, ambos iriam ser pais de um homem ou de uma mulher do futuro. Esquecera-se de

perguntar o sexo da criança, se tinha boca, nariz ouvidos e todas as coisas necessárias para se viver

no único planeta que conheciam, a Terra.

Pelos vistos, a acção dos superterreanos era toda virada para as mulheres grávidas e para as crianças,

e o que decorria das primeiras impressões era que o futuro da gente adulta, se não estivesse

comprometido definitivamente, ao menos iria levar grande reviravolta. Poderia ele ainda ser um dia

velhinho, avô, e neste caso de que netos?!
Sintonizou de novo a CNN. Desta vez a transmissão era a partir de Washington, relativamente perto da

Casa Branca e, finalmente, conseguia ver-se um superterreano. Talvez fosse um superterreano importante

e o melhor era ouvi-lo. Parecia dos poucos capazes de comunicar em língua que não fosse apenas o roçar

na pele de criancinhas e grávidas para as converter em matéria e espírito supertérricos. Falava um

inglês entrecortado por gestos e, dos da série 22/22, era o 22/4. Era uma criatura com grandes olhos, longos braços e, pelas medidas terrenas, devia ter talvez um metro

e sessenta e cinco. Era transparente e, no interior do corpo, viam-se órgãos semelhantes aos dos

humanos, veias azuladas e sangue vermelho, que corria dentro delas a uma velocidade espantosa. O

repórter que o entrevistava olhava para aquela criatura estranha espantado e, depois de fazer perante

a criatura o ponto da situação, ocorreu-lhe perguntar perante as câmaras de que planeta do universo

eram oriundos.
- Somos do Superter - respondeu..
Depois, com um sorriso enigmático, disse que a gente dele desde sempre andara " cá por baixo"...
Tinha uma voz calma e serena que parecia sair-lhe directamente da cabeça e do pensamento, uma cabeça e

um rosto bastante parecidos com os dos humanos, mas onde faltavam decisivamente orifícios. O nariz e a

boca estavam lá, os ouvidos também, mas sem qualquer utilidade, uma vez que tudo nele agia com o

impulso dos pensamentos. E à medida que "falava" emitia ondas magnéticas, rapidamente compreensíveis

pelo entrevistador, a quem entretanto e sem que este desse conta, tocara com as mãos na nuca.
- Não sei se sabe, mas você já está magnetizado e, por isso apto, a compreender a linguagem dos

superterreanos, Senhor Michael. Escolhi falar consigo porque é um terreno puro, de mente aberta para

aceitar o desconhecido. É o que acontecerá aos milhões de homens e mulheres como você, por toda a

Terra, os escolhidos para a libertarem dos males que uma grande parte de vós lhe criou...

Ao dizer isto, o 22/4, calou-se e pôs-se a meditar durante uns bons segundos, enquanto Michael, de

microfone em punho, prosseguia:
- Caros telespectadores do planeta, de todo em todo, não resistam à magnetização. É por via dela que

compreenderão o Universo e todas as maravilhas de Deus. É uma sensação maravilhosa esta de perceber

que os superterreanos foram os primeiros habitantes da Terra, expulsos dela depois por terem levado a

cabo acções impróprias que quase a destruíram, como agora. Foram para o Infreino, um planeta de

depuração, onde foram estratificados em várias camadas, entre os

melhores e os piores. Alguns, depois

de limpos e melhorados pelo Criador, voltaram para a Terra, com o aspecto que hoje temos, quando Deus

julgou que estávamos prontos para viver no paraíso. A nossa origem é, pois, extraterrestre. Muitos,

das várias camadas, voltaram esporadicamente em acções de pesquisa e experimentação para que surja uma

nova raça de terráqueos, no caso de a raça humana falhar, como é o nosso caso... Se repararem bem nos

fetos abortados com poucas semanas, vêem que eles têm mais ou menos a forma dos extraterrestres

avistados em muitas partes do mundo. Sobretudo aqui nos Estados Unidos.
Enquanto o repórter dizia todas aquelas coisas como se tivesse sido iluminado por uma sabedoria divina

ilimitada, as luzes dos superterreanos prosseguiam a cruzada de magnetização dos homens e das mulheres

ali presentes, depois de as crianças e as grávidas de todo o planeta o terem sido em primeiro lugar.

De repente, perto de Michael, um homem branco, de cabelo cortado à escovinha, lançou no ar um grito de

ordem, enquanto dizia:
- Cambada de imbecis! E vão deixar que estes frascos de vidro tomem conta do mundo? Onde é que está o

exército e o poder da América?! Que presidente escolheram os americanos para lhe guiar os destinos?
Ao dizer isto, o homem, de dentro do casaco de couro onde estava dissimulada, sacou de uma

metralhadora, fazendo pontaria ao 22/4, enquanto se preparava para disparar. Entretanto, o

superterreano emitiu na direcção do homem um potente feixe de luz, que o minimizou até ao zero. A

seguir, fez-se de novo silêncio, após o barulho motivado por alguns homens e mulheres adeptos do

cabeça rapada, minimizados quase simultaneamente.
Michael prosseguiu:
- Como vêem, não adianta intentar qualquer acção contra os nossos salvadores. Do que pude saber após a

minha magnetização, tudo o que nós ser humanos construímos com elementos tirados à Terra, como, por

exemplo, com o petróleo, até ao clarear do dia será compactado. Acontecerá como ao dissidente aqui

presente e aos outros reaccionários como ele. Mas agora tenho de terminar este directo. O Presidente

Obama vai fazer um comunicado à América.
Jonh, depois de ouvir o colega da CNN, constatou nada mais haver a fazer senão esperar. Depois do

apelo à não resistência, o melhor seria não pensar numa vida futura sem o conforto de um banho de

manhã, com água aquecida pelo painel solar de sua casa. Pelos vistos, não haveria casas, nem pontes,

nem nada e, se muito bem calhasse, os humanos voltariam a andar nus como no princípio ou, então, com

uma pequena parra a cobrir-lhes as partes púbicas, pensou, com algum pudor. O melhor seria então que

os superterreanos modificassem também o clima da Terra e o livrassem do frio do Árctico, do Antárctico

e por aí adiante.
Quanto ao novo filho, estava um bocado apreensivo. Nasceria igual a um superterreano, ou seria mais

idêntico aos humanos, apenas com a mente preparada para viver e espalhar por todo o lado a tal Lei do

Amor? Da família, era o único ainda intocado, não fora magnetizado e continuava com as mesmas

angústias de todos quantos não tivessem tido o tacto da pele com os viajantes do espaço.
- Será que, a partir de amanhã, com o planeta virgem como antes de haver nele um único homem, iria a

humanidade alimentar-se do maná do paraíso quando a serpente tentou Eve pela primeira vez? - pensava

Jonh.
Lembrou-se da colega, em casa dele, com Susan e os dois filhos. Teria ela e os câmara mans já sido

magnetizados?

A janela do estúdio estava fechada, com os estores corridos e Jonh não resistiu a abri-la. Precisava

de contemplar de novo o espaço lá fora, onde os superterreanos, aos milhares, zipados e do tamanho de

pirilampos, deixavam New Bedford como uma cidade em festa e a viver permanentemente debaixo daquele

imenso fogo de artifício. Gostava de ver ao menos uma nave no seu tamanho natural, mas a dissimulação

parecia ser a melhor arma da invasão. Ver igualmente um superterreano, seria também uma forma de

acreditar nos acontecimentos que ainda lhe pareciam impossíveis. Enfim, a Terra ia ter um novo destino

e o destino tem sempre cravado nas pontas a inquestionável força de Deus.
Jonh cerrou os olhos por momentos, enquanto esperava pela comunicação do presidente.
Quando os abriu, ao seu lado estava um homem de cristal e ele soube de imediato que já não era o mesmo

Jonh de antigamente. Naqueles breves segundos adquirira uma aguda percepção das coisas e nem a

criatura a seu lado, o 22/5, da série destacada para a América, lhe causava qualquer estranheza.
Sentia-se vibrante de entusiasmo, por ele e pela família. Sobretudo pelo filho que iria nascer, sabia

agora, uma menina linda, cheia de amor, em tudo igual à irmã, uma menina Cristal cheia de encanto e

sabedoria. Ao ser tocado pelo 22/5, fora como que escolhido e abençoado, depois da inconfidência do

superterreano. Os extraterrestres sempre se tinham sentido horrivelmente feios e, durante as várias

invasões dos habitantes do Infreino, nas suas múltiplas camadas em depuração, tinham feito inúmeras

experiências com os humanos, até chegarem a uma criatura fisicamente tão bonita e perfeita como nós.

Sim, inicialmente fora a inveja do nosso aspecto a motivá-los nas incursões e experiências, mas Deus

pôs um travão nisso e obrigou-os a dominarem-se, sob pena de os zipar para sempre e de os mandar para

um planeta a milhões e milhões de anos luz da Terra e onde só ainda havia centopeias, de que eles

tinham particularmente medo, apesar de todos os seus poderes de ziparem e manipularem a matéria.
Eve estava a chamá-lo, enquanto se preparava para deixar a família de Jonh e procurar um novo motivo

de reportagem.

- Jonh, passo-te a emissão. Daqui é tudo. Como vez, toda a gente está feliz e não há razões para

receios.
- Obrigado, Eve. Vamos então ver o que o Presidente Obama tem para nos dizer.
Senhores telespectadores, são 3H da madrugada, seguem as imagens da CNN. – prosseguiu Jonh.

A emissão prosseguiu com imagens de Washington e Jonh, sem qualquer espanto, viu o presidente nu, sem

se sentir chocado com isso. A América deixara finalmente de ser puritana e, naquelas imagens, pode

ver-se a pureza de um homem que nascera para ver a transformação do mundo num lugar onde era bom

viver, sem poluição, sem maldade, nem inveja, nem dor, nem ódio. Agora tudo era amor.
- Caros cidadãos, Viva o Mundo, Viva a América.
Estamos a viver um momento decisivo para a humanidade, como todos já devem saber. Alguns, os cépticos,

estarão ainda incrédulos e, por isso, antes de mais, faço daqui um apelo para todos se deixarem tocar

pela nova Lei do Amor de que são mensageiros os superterreanos. Já todos os presidentes dos 203 países

da Terra foram magnetizados e dão neste momento orientações aos cidadãos para não tentarem a revolta.

Pensa-se que, apesar de tudo, haverá ainda muitos a resistir à Lei do Amor. E, já para não falar nos

grandes criminosos encarcerados nas cadeias, sobretudo os banqueiros, as bolsitas, os agiotas e os que

veneram o dinheiro acima de qualquer outra coisa, são os grandes condenados à zipagem. A sociedade de

amanhã não voltará a deixar-se ensombrar por esses malefícios. E eu, caros americanos, queridos

compatriotas, fui escolhido para estar no sítio certo e no momento certo desta maravilhosa

transformação. As minhas filhas, os nossos filhos, serão finalmente criaturas de Deus, a viver em

harmonia com a Sua lei num mundo onde não haverá diferença de raças, de credos e onde o dinheiro

jamais nos voltará a escravizar.
A imagem do presidente deixou por momentos de aparecer no ecrã,

enquanto surgiam reportagens em

catadupa dos países de tudo o mundo, desde os Urais até á Austrália. E, entre elas, houve uma que

captou particularmente a atenção de Jonh. Estava a falar um pescador de Aveiro, a terra do seu bisavô,

em Portugal, que, finalmente, não lamentava a extinção do bacalhau na Terra Nova e a morte dos

pesqueiros do porto, de onde saiu tanto sonho para depois morrer nas águas daquele mar longínquo em

que a pesca desenfreada levara à extinção do bacalhau.
Felizmente, dizia o homem já magnetizado e impregnado pela nova ordem das coisas, Deus daria à

humanidade o maná que ela tinha recusado num acto rebelde, quando Eva levou a Adão a roubar da árvore

onde estava tranquilo o conhecimento, surripiando algum para o pôr ao serviço da ciência que, em

muitas coisas, quase tinha matado o planeta.

De novo, no ecrã, apareceu Barak Obama, com a última recomendação.
- Como combinei com o superterreano 22/4, aqui ao meu lado, transparente como cristal, antes de o

mundo artificial ser todo zipado, vamos assistir ao processo inverso. Simultaneamente, em todo o

planeta, vão aparecer, na sua primeira dimensão, os milhões de naves utilizadas para esta invasão

programada por Deus desde os templos da criação do mundo, ao oitavo dia, quando a semana tinha oito.

Eu estou aqui nu, simbolizando a Terra quando foi concebida, e também para dar o exemplo de que

devemos viver de hoje em diante, sem ambição e sem vaidades de qualquer espécie.
Nos céus, os milhares de pontos minúsculos, a uma ordem do superterreano 22/4, instantaneamente

ficaram do tamanho com que durante milhões de anos os extraterrestres tinham visitado o planeta. Mas,

dentro, estavam extraterrestres bonitos e auto transformados em homens e mulheres como a raça humana,

das mesmas cores existente na Terra até então, unidos e em paz.
- Jonh, acorda! Estás gelado! Esta mania de dormires sem pijama ainda te vai arranjar algum trinta e

um nos pulmões!...
Jonh virou-se na cama ao lado de Susan e beijou-a na boca, enquanto lhe sussurrava ao ouvido e lhe

mordiscava a orelha.
- Susan, querida!, vamos fazer amor...

- FIM -